

PANEGÍRICO A ADERBAL RAMOS DA SILVA

Senhor Joaquim Gonçalves dos Santos, digníssimo presidente desta Casa de Letras.

Prezadas autoridades componentes da mesa.

Caros colegas acadêmicos,

Senhoras e senhores que nos dão à honra neste momento, boa noite.

Com muita honra que aceitei a indicação pelos acadêmicos para a cadeira n. 02, tendo como patrono Dr. Aderbal Ramos da Silva, desta nobre Academia de Letras.

Cabe-me na oportunidade a tarefa prazerosa de falar em poucas linhas sobre o grande e ilustre patrono, pesquisei sobre sua vida e cito hoje alguns fatos relevantes na sua trajetória como pessoa e como político.

Dr. Aderbal Ramos da Silva, nasceu em 18 de janeiro de 1911 e faleceu em 13 de fevereiro de 1985, neto de Vidal Ramos. Foi casado com Ruth Hoepcke, filha de Carlos Hoepcke Júnior e neta de Carl Hoepcke. Teve duas filhas Silvia e Anita.

Sobre a biografia completa desse grande líder político catarinense, há o livro do jornalista Luiz Henrique Tancredo, editado pela Insular em 1998. É uma obra alentada, fundamental para a compreensão da história catarinense no século 20.

O escritor Luiz Henrique Tancredo em sua obra **DOUTOR DEBA PODER E GENEROSIDADE** descreve a trajetória de um dos personagens mais importantes da história moderna de Santa Catarina, um líder marcante, uma figura que dominou por várias décadas o cenário político do Estado: Aderbal Ramos da Silva, sobrinho e discípulo de Nereu Ramos.

INFÂNCIA

Sobre a sua infância e adolescência, peço vênica para citar um depoimento do meu patrono, Aderbal Ramos da Silva:

“Eu sou um ilhéu. Nasci aqui mesmo, no Palácio. O Palácio está muito ligado à minha vida. Nasci nele, fui governador e vou acabar voltando para lá quando morrer. Isso dependendo do inquilino, é claro. Se for esse que está lá atualmente, sei que vou [Antônio Carlos Konder Reis governava o Estado em 1976]. Eu nasci no Palácio porque meu avô era governador. Meu avô era o Coronel Vidal Ramos, avô por parte de mãe, que quando eu nasci estava exercendo seu segundo mandato, de 1910 a 14. Meu pai, que se chamava João Pedro Silva e mais tarde chegou a desembargador, era juiz em Blumenau nessa época. Houve uma enchente, de modos que minha mãe veio se refugiar aqui e acabei nascendo no Palácio da Praça 15, que ainda era a residência dos governadores.

Minha infância foi comum. Em casa me chamavam Deba, apelido que pegou. Até hoje me chamam Doutor Deba. Quem me colocou o

apelido foi minha irmã, que não sabia dizer Aderbal e dizia “Debá”. Meus primeiros anos, passei em Blumenau, onde entrei na escola , o Grupo Escolar Luiz Delfino, quando aprendi a ler. Com oito anos vim para Florianópolis e continuei meus estudos ali no Grupo Silveira de Souza; em seguida no Ginásio Catarinense, de onde saí em 1927. Havia completado meus estudos aqui e fui para o Rio um ano depois. Esses tempos eram bons, Florianópolis era um a cidade muito diferente do que é hoje. Tudo mais calmo, mais sossegado. Assisti à inauguração da Ponte Hercílio Luz, que foi o maior acontecimento da época. Eu tinha 15 anos e fui com meu pai. Era um dia muito frio, de muito vento Sul. Quem inaugurou a ponte não foi o Hercílio Luz, que tinha morrido, mas o Bulcão Viana, que era o presidente da Assembléia e governador em exercício. A ponte estava começando a mudar a cidade. Ainda me lembro muito bem de quando a gente tomava a lancha “Valente” para ir ao Estreito. Muitas vezes fiz isto.”

ATIVIDADES EMPRESARIAIS E POLITICAS

Dr. Aderbal foi um dos fundadores do Nossobanco, o Banco do Estado do Paraná e do Banco do Estado de Santa Catarina.

Depois de morar quatro anos no Rio de Janeiro, onde cursou a Faculdade de Direito, o jovem ARS voltou à Ilha de Santa Catarina em 1932 e foi trabalhar no escritório de seu tio, Nereu Ramos.

O ambiente – a família era apaixonada pela atividade política – acabou conduzindo Aderbal ao destino inevitável: candidatou-se a deputado estadual em 1934, sendo vitorioso.

Ele, Aderbal Ramos da Silva, contou em seu depoimento a Elaine Borges, Murilo Pirajá Martins, Luiz Paulo Peixoto e Rômulo Coutinho de Azevedo, acerca desta eleição:

“Os arquivos destas eleições estavam depositados no antigo prédio da Assembléia que, como é do conhecimento geral, sofreria, anos depois, o fenômeno da combustão espontânea.

Foi realmente lamentável não terem tido o cuidado de retirar os documentos antes do incêndio. Iniciei ali uma carreira que não terminou até hoje [1976], a de político, apesar de estar há muitos anos fora de qualquer cargo público.

Política para mim é uma coisa muito séria. Uma atividade fundamental. Fazer política, na minha opinião, é participar da vida da comunidade, é participar efetivamente, é manter um diálogo permanente com o povo.

Acho que todos deveriam participar da política. Entre os empresários, principalmente os daqui de Santa Catarina, é muito raro qualquer interesse por política. Eu lamento muito isto porque é uma pena que haja tanto alheamento. Os jovens, os estudantes, costumam criticar muito os governos. Eu acho que isto é uma coisa própria da juventude. Mas não seria melhor se, ao invés de criticar, procurassem construir? Fala-se mal dos partidos. Por que não entrar neles e transformá-los?”.

Em 1945, com o fim do Estado Novo, surgiram os partidos nacionais, sendo que Dr. Aderbal ajudou a fundar o PSD.

Vieram as eleições e foi eleito deputado à Assembléia Nacional Constituinte, exercendo por um ano o mandato. Assinou a Constituição de 1946, como já havia assinado a estadual de 1935.

Em 19 de janeiro de 1947 foi eleito governador, pelo partido político PSD, governou até 1951, no entanto, passou um ano afastado do exercício do mandato por tratamento de saúde.

GOVERNADOR E SUAS OBRAS

O seu governo, parafraseando o próprio Dr. Aderbal, foi tranqüilo e com importantes realizações. Dutra era o presidente e o país vivia em calma.

Dr. Aderbal orgulhava-se de ter fornecido água e luz para a cidade, numa época em que os racionamentos eram constantes e as crianças estudavam à luz de velas ou lampiões. Foram assim resolvidos dois problemas realmente graves.

Era um apaixonado pela cidade de Florianópolis, mas na década de oitenta já estava preocupado com os rumos da cidade.

Durante o seu governo era normal encontrá-lo caminhando pelas ruas, sentado nos bancos do jardim, tomava cafezinho com os amigos,

sendo que sempre recebia no Palácio quem quer que fosse com ele conversar.

Dr.Aderbal por julgar não precisar do ordenado de governador, mandava distribuir o dinheiro entre os pobres e necessitados. Tal gesto mostra um pouco desse grande homem, de seu desprendimento material, inclusive.

PESSOA DE ADERBAL RAMOS DA SILVA

Orgulhava-se em dizer que de 1945 a 1970 não perdeu nenhuma eleição em Florianópolis, não pessoalmente.

Era um homem alegre, que gostava de conversar, contar anedotas, tinha facilidade de comunicação, qualidades que serviram de base para seu êxito na política.

Julgava que essa forma de agir, esta espontaneidade, eram características de todos os povos litorâneos.

Certa vez um matuto do interior bateu às portas do Palácio dizendo querer falar com Dr. Aderbal. Ele entrou no gabinete e o Dr. Aderbal disse: "Senta aí e me conta o que é que há". Ele então falou que tinha um processo sobre terras que estava demorando muito para ser despachado. Dr.Aderbal chamou o responsável pelo setor, na mesma hora, na frente dele. Quando o matuto saiu, chamou um dos funcionários e disse: "Me dá um retrato do moço".

Essa era uma das características mais marcantes de meu patrono.

Em 1954, candidatou-se ao seu último cargo eletivo. Novamente para deputado federal, no entanto, não cumpriu todo o mandato. Dois anos depois pediu licença e nunca mais se candidatou, não conseguia mais viver no Rio de Janeiro, achava que lá a vida era agitada demais.

Quando falavam que ele fazia parte de uma oligarquia, respondeu:

“Isto é uma fatalidade. Na verdade, sou fundamentalmente um político. Um político deve ter liderança. Liderança que não poderá nunca ser horizontal, ela tem que ser vertical. Um político não pode ser omissos, dubio reticente, indiferente. Nunca pode ficar em cima do muro. E deve ter estrela, estrela que funcione. Liderança não se divide com ninguém. Política, repito, é diálogo, o que é um comício se não um diálogo em praça pública? Sei que devo ter errado muitas vezes, mas se errei foi sempre na escolha de homens. Estas foram as minhas grandes decepções: as deslealdades, as fugas ao compromisso, a irresponsabilidade.

É interessante notar que estas decepções só as tive no primeiro escalão. Os humildes sempre me foram leais e honestos.”

Dr. Deba, carinhosamente falando, foi muito estimado e querido por toda a Santa Catarina, aliás ainda é. Tão verdade que em qualquer cidade de Santa Catarina sempre existe lá um ginásio, uma rua, um

estádio de futebol, uma praça ,um Colégio com o nome do grande homem público, Aderbal Ramos da Silva.

É com orgulho que passo a dizer que Dr. Aderbal sempre soube trabalhar a arte da boa política. Ademais sempre procurava orientar e dar bons conselhos aos novos políticos que a ele recorriam.

Inclusive meu Pai Gabriel Carlos Beckhäuser, na Cidade de Armazém sempre seguiu suas orientações políticas, a tal ponto que permaneceu no comando da região por mais de 15 anos , como intendente.

Outra figura mais próxima do Dr. Aderbal foi meu sogro Manoel Inocêncio Martins, que comandou a região da Trindade por muitos anos com as suas orientações, também como intendente.

Nada é por acaso. Eu havia sido indicado para a cadeira n. 16 sendo patrono Holdemar Menezes, e noutra reunião da academia me solicitaram a aceitar a cadeira n. 02 , sendo patrono Dr. Aderbal Ramos da Silva.

Meu pai Gabriel Carlos Beckhäuser e meu sogro Manoel Inocêncio Martins, se vivos estivessem, estariam felizes e radiantes por esta indicação.

Era um bom político porque sempre era fiel com seus companheiros, e nunca negou uma audiência e nem deixava de atender uma ligação de um correligionário.

Ele sempre foi grato e sabia reconhecer os trabalhos de seus correligionários, valorizando-os.

Dr. Aderbal é reconhecido pela sua grande capacidade política, social e humana.

Era um homem de fala mansa, uma figura impressionante; mesmo com aquele jeito pacífico de avô, recebia aliados e apadrinhados nos Veleiros, para longas conversas e conselhos apropriados. Experiente, ele encarnava à perfeição a imagem de um velho comandante, aposentado, mas ativo. Tinha um feeling incrível.

Enfim, era um político nato, soube representar entre nós a figura do chefe hábil e incontestável, presente em todas as horas da vida da cidade e do Estado.

Meus senhores, o que falei aqui foi um breve relato e uma singela homenagem a esse grande homem, que tanto orgulhou a sua terra e sua gente.

Ao encerrar agradeço ao Senhor Presidente Joaquim Gonçalves dos Santos pela oportunidade que concedida,

As autoridades que compõem a mesa e aos acadêmicos colegas, pelo apoio,

Aos presentes a este espaço literário por me ha verem dispensado sua atenção.

Aos familiares de Dr.Aderbal Ramos da Silva, nas pessoas de suas filhas Anita e Silva, que nos honram com suas presenças;

A minha esposa, filhas e familiares, o meu muito obrigado.
Obrigado a todos.